

*Momento
Feminino*

ANO V



N.ºs 95



AGOSTO SETEMBRO DE 1952



CR\$ 1,00

Mensagem a tôdas as mulheres do mundo

No dia 5 de dezembro de 1952 inaugurar-se-á em Viena, o Congresso dos Povos pela Paz. Esse Congresso reunirá todos aqueles que desejam mais ardentemente a substituição da violência da guerra por um espírito de negociações e de acordos entre os povos.

Jovem mãe que te inclinas sôbre o berço de teu filho,
Mãe de cabelos brancos que conhecestes a horrível crueldade da guerra,
Moça que entras na vida com o coração cheio de esperanças,
Operária que crias com tuas mãos as riquezas materiais,
Camponesa que cultivas o trigo que darão os campos,
Professôra, escritora cuja missão é educar e cultivar a nobreza de sentimentos,
Médica e enfermeira que defendes a vida e a saúde do homem,
Mulher de ciência e artista que tens como tarefa enriquecer a vida do homem com o bem-estar e a beleza,

Qualquer que seja a cor de teu rosto, qualquer que seja tua religião e tuas convicções políticas,

Qualquer que seja o país em que nasceste,

Quer vivas na abundância ou na miséria,

o Congresso dos Povos pela Paz é também o teu Congresso porque a guerra ameaça destruir tua vida, tuas esperanças, aniquilar a todos os que amas e que te amam.

Tu não podes permanecer indiferente diante deste perigo.

Deves saber e não esquecer nunca que é possível impedir a guerra e salvaguardar a paz com o esforço comum de todos os povos.

Então, a mãe não se sentirá mais torturada pelo horror de ver seus próprios filhos convertidos em vítimas ou em verdugos.

O Congresso dos Povos pela Paz oferece uma tribuna incomparável, da qual as mulheres e os homens proclamarão sua vontade de paz e indicarão o caminho e os meios de preservar a paz.

MULHER!

Deves trabalhar sem tardança. Lembra-te que cada novo defensor da paz é o defensor de teu filho e da felicidade de teu lar.

Vai de casa em casa e comunica a notícia ao Congresso dos Povos pela Paz.

Vai ao encontro das outras mulheres e quaisquer que sejam suas opiniões e suas religiões, discute com elas as propostas que as delegadas que elegereis conjuntamente apresentarão ao Congresso dos Povos.

Explica incansavelmente aos teus parentes, às tuas amigas, a teus vizinhos que é possível e indispensável evitar a guerra.

Que termine a guerra da Coréia.

Que se reduzam os armamentos.

Que se proibam as armas atômicas e bacteriológicas.

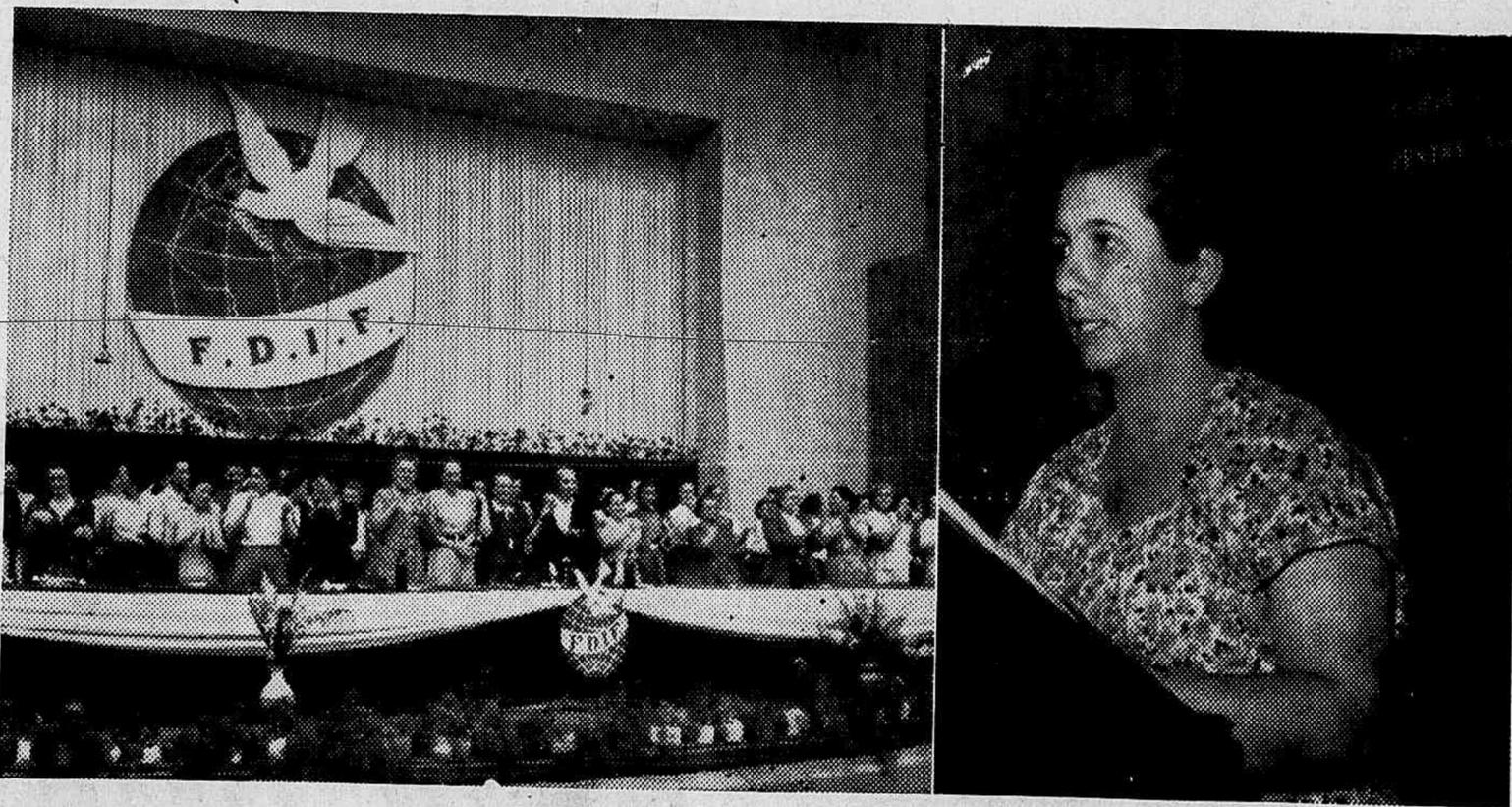
Que se impeça o renascimento do militarismo alemão e japonês.

Que se conclua um Pacto de Paz.

Que tua vontade de mulher, unindo-se à vontade de centenas de milhões de seres humanos se converta numa força invencível pela defesa da Paz.

A Paz triunfará!

FEDERAÇÃO DEMOCRÁTICA INTERNACIONAL DE MULHERES



Reuniu-se em julho, na cidade de Bucarest, o Comité Executivo da F. D. I. M., com a presença de representantes de dezenas de países. A reunião foi encerrada com um «meeting», perante milhares de pessoas. Mme. Cotton, a querida presidente da F. D. I. M., ao lado do Secretariado, presidiu às sessões. Ao lado, Ofélia do Amaral Botelho, delegada da Federação de Mulheres do Brasil, presente à reunião.

Assembléia de Mulheres Pela Paz

Reportagem de GÍNIA MACHLINE MELO

NOS dias 24 e 25 de agosto, em Pôrto Alegre, reuniram-se 500 delegados, vindos dos mais diversos pontos do Brasil, para falar de seu desejo de paz e da necessidade de intensificar a luta pela conquista da paz.

Das delegações presentes, era grande a participação de mulheres, demonstração eloqüente da participação efetiva da mulher na luta pela Paz.

Com a presença de tôdas as delegadas e de personalidades femininas do Estado, foi realizada uma reunião, durante a qual cada mulher pôde dizer o que sentia sôbre o perigo de guerra, pôde transmitir suas experiências de trabalho apresentar suas sugestões de como ampliar a luta das mulheres brasileiras em defesa da paz mundial.

Participaram da mesa as sras. Adelaide Fialho, vice-presidente da F. Mulheres do E. de São Paulo, Florinda Sampaio, professora de história da Escola Normal de Pôrto Alegre, Dra. Odília Lavigne, educadora da Bahia, Sra. Célia Peixe, delegada de Pernambuco, Noêmia Alencar, do D. Federal, Branca Fialho, presidente em exercício da Federação de Mulheres do Brasil, Laura Austregésilo, escritora do D. F., Elisa Branco, a querida heroína da paz, e os srs. Gal. Edgard Busbaum, escritor Jorge Amado, membro do Bureau do Conselho Mundial da Paz, além de outros.

"COMO MÃE E COMO EDUCADORA, QUERO A PAZ"

D. Florinda Sampaio, uma das personalidades de mais destaque na capital gaúcha, saudando as delegadas, afirmou: "Sou partidária da paz seja com quem fôr; na minha cadeira de história, trabalho pela paz todos os dias. Por isso estou solidária com tôdas vocês, na luta pela defesa de nossos filhos. Apoio tôdas as soluções a que chegarem os debates dessa magnífica reunião". "Como mãe e como educadora, quero a paz. Não tenho Partidos. Mas essa luta em que participam tôdas as mulheres do Brasil, eu a faço minha também".

"GANHAR MAIS PESSOAS PARA A LUTA PELA PAZ"

Membro do Conselho Mundial da Paz, D. Branca Fialho, disse na sua saudação: "Sabemos que são muitas as mulheres que querem a Paz, mas não podemos ficar só com o coração. É preciso enviar os maiores esforços para ganhar sempre e cada vez mais novas camadas de pessoas para a causa da paz, aumentando o número de mulheres na militância da Paz".

"A LUTA CONTRA A CARESTIA É TAMBÉM A LUTA PELA PAZ"

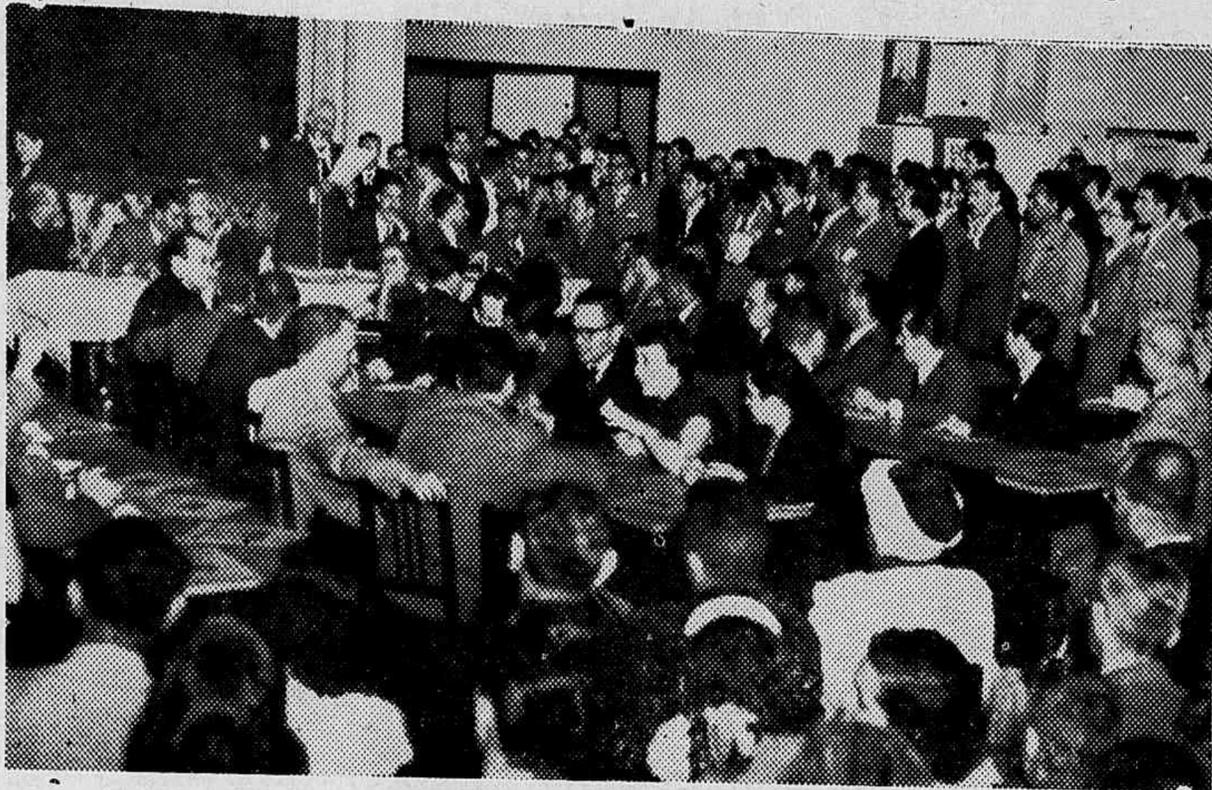
Ernestina Nunes Cavaleiro, uma das líderes do movimento contra a carestia na cidade de

comércio, que fechou suas portas".

Conclui dizendo: "Sou fundadora de 3 comitês de Paz, pois compreendo que a luta contra a carestia é também uma luta pela paz".

GRANDES MANIFESTAÇÕES CONTRA A CARESTIA

As delegadas de Uruguiana e de Pelotas, Maria de Lourdes Gonçalves e Maria Fonseca, líderes femininas dos grandes mo-



Aspecto de uma das sessões plenárias da reunião ampliada do Conselho Nacional do Movimento Brasileiro das Partidárias da Paz.

Santa Maria (R. G. do Sul), contou às delegadas como se tinha desenrolado o poderoso movimento de protesto popular contra o encarecimento da vida: "As mulheres lutaram ao lado de seus maridos, nos dias da greve. "A carne tinha subido para Cr\$ 8,50 e Cr\$ 10,00; com o nosso movimento, conseguimos que baixasse para Cr\$ 5,50". Ficamos durante 10 horas em cima dos trens, impedindo sua passagem. Foram 3 dias de luta intensa, as ruas estavam sempre escuras de tantas pessoas que participavam das passeatas. Concluímos com a solidariedade de tôda a população, inclusive do

SÃO LEGIÕES DE MULHERES QUE LUTAM PELA PAZ

D. Odília Lavigne, ilustre educadora da capital bahiana, dirigiu-se às delegadas: "Minhas congratulações a tôdas as delegadas. São realmente legiões de mulheres que lutam pela paz. Vejo aqui verdadeiras sacerdotisas, dedicadas à grande causa da paz, que deixam seus lares, empregando horas intensas na atividade de esclarecer as mulheres de nosso país, de convencê-las a lutar pela paz, a ganhá-las enfim para o direito à vida e a felicidade de todos nós".

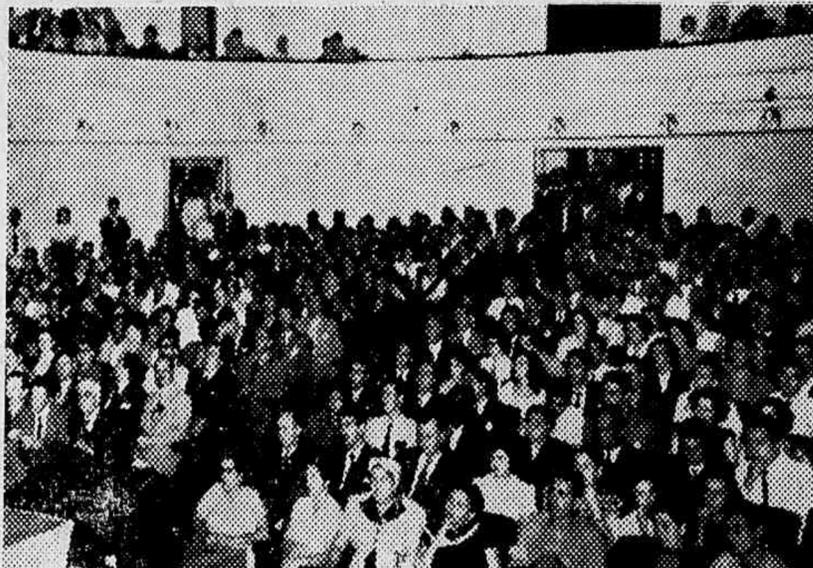
vimentos de protesto que se realizaram nessas cidades contra o aumento do preço da carne, falaram às delegadas sôbre suas experiências de trabalho.

Disse Maria de Lourdes: "Realizamos passeatas, fizemos concentrações. Uma das passeatas percorreu quinze longas quadras, até à Prefeitura. O povo estava junto nessa luta e a solidariedade era geral. Rádio e imprensa apoiaram o nosso movimento".

Maria Fonseca declarou: "Grandes manifestações foram feitas. Uma comissão foi à Câmara e conseguiu o apoio de grande número de vereadores. Foi depois a várias fábricas, conseguindo a adesão dos operários, na maioria mulheres. Nos nossos desfiles havia cartazes pedindo a redução do preço da carne." E concluiu: "Sabemos que a luta contra a carestia está ligada à luta em defesa da paz, uma vez que a carestia é consequência da política de guerra".

"TENHO 5 FILHOS E NÃO QUERO QUE ELES VÃO PARA A GUERRA"

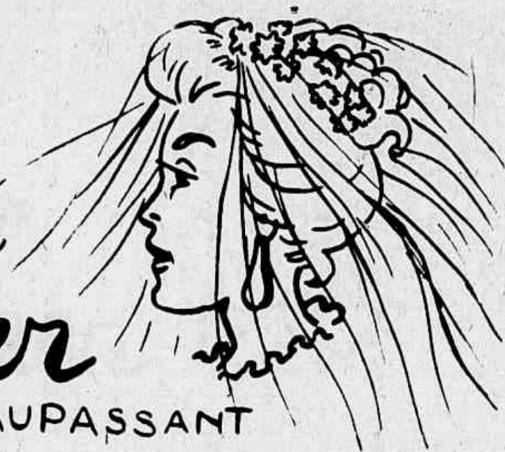
Catarina dos Santos Maria, delegada de Cruz Alta, onde se realizaram também grandes manifestações contra a carestia, declarou: "Estou muito emocionada porque tenho 5 filhos, sou viúva e não quero que meus filhos vão para a guerra, para serem mortos. Somos tôdas irmãs, (Conclui na pág. 6)



Sessão de instalação, no Teatro São Pedro, em Pôrto Alegre, à qual assistiram milhares de pessoas.

Minha mulher

CONTO DE MAUPASSANT



ERA NO FIM duma ceia de homens casados, velhos amigos, que se reuniam algumas vezes sem as suas mulheres, como solteiros, para recordar os antigos tempos. Comiam longamente, brindavam-se; falavam de tudo, remexiam velhas e alegres lembranças, essas lembranças cálidas que fazem, sem querer, sorrir os lábios e fremir o coração. Diziam:

— Não te lembras, Georges, da nossa excursão a Saint Germain com aqueles duas rapariguinhas de Montmartre?

— Oh! se me lembro!

E descobriam-se pormenores e, aqui e ali, mil pequeninas coisas que ainda então causavam prazer.

Veio-se a falar de casamento e cada qual disse com um ar sincero: «Ah! se fôsse para recomeçar!...» Georges Duportin acrescentou: «É extraordinária a facilidade com que a gente cai. Estava-se decidido a não tomar mulher, e um belo dia, na primavera, parte-se para o campo; faz calor; começa o verão; o prado floresce; encontra-se uma moça em casa de amigos... puf! feito. Volta-se casado.»



Pierre Léoile: «Isto mesmo! é a minha história. Só que eu tenho detalhes particulares...»

O amigo o interrompeu: «Quanto a ti, não tens razão de queixa. Tens a mais encantadora mulher do mundo, linda, amável, perfeita; tu és, certamente, o mais feliz de nós.»

O outro tornou:

— Não por culpa minha.

— Como assim?

— É verdade que eu tenho uma esposa perfeita, mas casei-me contra a minha vontade.

— Ora essa!

— Sim... Eis a aventura. Eu tinha trinta e cinco anos, e não pensava mais em casar-me do que em enforcar-me. As virgens me pareciam insípidas e eu adorava o prazer.

Fui convidado, em maio, para o casamento de meu primo Simon d'Erabel, na Normândia. Um verdadeiro casamento nor-

mando. Fomos para a mesa às cinco da tarde; às onze da noite ainda se comia. Deram-me eventualmente para companheira uma senhorita Dumoulin, filha de um coronel reformado, criatura loira e marcial, em boa forma, atrevida e verbosa. Ela tomou conta de mim durante todo o dia, arrastou-me ao parque, obrigou-me a dançar, aborreceu-me.

Eu pensava: «Por hoje passa, mas amanhã me escapo. Já é demais.»

Pelas 11 da noite as mulheres se retiraram para os seus aposentos. Camponeses e campônias pulavam de roda, berrando um selvagem canto febrilmente acompanhado por dois violinos e uma clarineta. A orquestra estava alojada sobre uma grande mesa de cozinha. A orquestra estava alojada sobre uma grande mesa rústicos cobria por vezes inteiramente a voz dos instrumentos. E a tênue música, rasgada pelas vozes desencadeadas, parecia tomar do céu em farrapos, em pequenos fragmentos de notas estilhaçadas.

Dois grandes barris, cercados de tochas, dessedentavam a multidão. Dois homens se ocupavam em lavar os copos e tigelas, para colocá-las imediatamente sob as torneiras de onde jorrava o filete vermelho do vinho ou o filete de ouro de cidra pura; e os dançarinos sequiosos, os velhos tranquilos, as raparigas suarentas se acotovellavam, estendiam os braços para agarrar um copo qualquer e derramar goela abaixo, inclinando a cabeça, o líquido preferido. Sobre uma mesa havia pão, manteiga, queijo e salchicha. Cada qual engulia um bocado, de tempos em tempos, e, sob o campo de fogo das estrélas, aquela festa sabia e violenta era um prazer para os olhos e dava ganas de beber também daqueles grandes barris e comer ramos de pão com manteiga e cebola crua.

Veio-me o desejo leuco de tomar parte naquilo tudo, e abandonei os meus companheiros.

Eu estava talvez um pouco embriagado, devo confessá-lo, mas em breve o fiquei inteiramente.

Agarrava a mão de uma robusta camponesa arquejante, e fi-la saltar loucamente, até o extremo limite do meu fôlego.

E depois bebi um copo de vinho e me apoderei de outra rapariga. Em seguida, para me refrestar, engoli uma tigela de cidra e comecei a pular como um possesso.

Eu era bastante ágil; os rapazes me contemplavam encantados, procurando imitar-me; as raparigas queriam todas dançar comigo e saltavam pesadamente, com uma elegância de vacas.

Enfim, de roda em roda, de copo em copo, achei-me, pelas duas da madrugada, bêbado de não poder lambar-me.

Tive consciência do meu estado e quis alcançar meu quarto. O castelo dormia silencioso e sombrio.

Eu não tinha fósforos e todos já estavam dormindo. Logo que cheguei ao vestibulo fui acometido de tonturas: tive grande dificuldade em encontrar a rampa da escadaria; achei-a afinal por acaso, às apalpadelas, e sentei-me no primeiro degrau para ordenar um pouco as minhas idéias.

O meu quarto era no segundo andar, a terceira porta à esquerda. Era uma felicidade que eu não tivesse esquecido isso. Amparado por tal certeza, ergui-me, não sem dificuldade, e co-

(Continua na pág. 10)

MOMENTO FEMININO



A polícia matou no Rio Grande: os corpos de dois dos assassinados na calçada de uma das ruas daquela cidade. No entêrro dessas duas vítimas, verdadeira multidão, expressou a revolta e indignação do povo.



As mulheres participaram ativamente da luta contra a carestia, em tôdas as cidades. O flagrante acima é de uma mulher que foi ferida e está sendo socorrida por populares.

O Rio Grande do Sul contra a carestia

A CARESTIA vem de tal maneira atormentando a vida das famílias, que não é mais possível aos pais e às mães ficarem impassíveis diante da fome e da nudez dos filhos. A revista «Resenha Informativa», da Secretaria do Trabalho do Estado de São Paulo, informa de que, de maio de 1939 a maio de 1952, houve, naquele Estado, um aumento de 452% no custo de vida. Em muitos outros Estados esse aumento foi até maior. As promessas eleitorais não foram cumpridas. No Rio Grande do Sul, o aumento do preço da carne determinou grandes demonstrações contra a carestia de vida, com a adesão dos Sindicatos e parlamentares. Essas demonstrações levaram às ruas milhares de pessoas, para comícios e passeatas. Foram desflagradas greves pelos ferroviários de Santa Maria, portuários do Rio Grande, mineiros de S. Jerônimo e por mais de 3.000 operários de Novo Hamburgo. E diante da determinação do povo gaúcho de não se deixar matar de fome, a carne que havia tido um aumento em muitas localidades, como em Jaguarão, até de 100%, tudo indica, voltará ao preço anterior, como em Santa Maria, onde o movimento foi totalmente vitorioso.

Não seria possível relatar com pormenores as demonstrações que se verificaram naquele Estado, mas as fotografias são significativas. No entanto, desejamos ressaltar alguns aspectos dessa luta contra a fome, que é luta, atualmente, não só do valoroso povo do Rio Grande do Sul porém de todo o povo brasileiro.

UM TELEGRAMA AO GOVERNO

Os operários da cidade de Carazinho dirigiram um enérgico telegrama ao presidente da República solicitando-lhe que deixe

o governo, se não pode cumprir as promessas feitas antes das eleições.

PRISÕES E ASSASSINATOS

Quando se achavam reunidos na Sede do Sindicato, em Arroio dos Ratos, a polícia alvejou a massa de operários, ferindo diversos trabalhadores, cujos ferimentos causaram a morte aos trabalhadores Ilidio Rodrigues, Antonio Funchal, Jadir dos Santos e ao estudante Roberto Dau. O entêrro desses trabalhadores foi um espetáculo impressionante: milhares de pessoas se deslocaram até o cemitério, em completo silêncio, e os caixões foram carregados por companheiros dos mortos que vestiam suas roupas ensanguentadas.

AS MULHERES NOS COMÍCIOS E PASSEATAS — MONTANDO GUARDA AOS AÇOUGUES — ESCORRAÇANDO OS FURA-GREVES

Em todos os comícios e passeatas, em Porto Alegre e nas cidades onde se realizaram protestos contra a alta da carne e da vida em geral, as mulheres compareceram em massa.

Em Passo Fundo, as mulheres armadas de pau se postaram às portas dos açougues e impediram a compra de carne.

Percorrendo as fábricas em Rio Grande as mulheres escorraçaram a pedradas os fura-greves.

As mulheres assumiram um papel de suma importância, não só organizando comissões de solidariedade aos presos, bem como dirigindo-se às autoridades estaduais de quem exigiam a libertação de todos os presos políticos.

Salvemos a Vida de Jean Sarquis!

MARINETE Afonso Lins e Jean Sarquis, as duas partidárias da paz que se encontram presas e condenadas a 2 anos de prisão, continuam sofrendo toda sorte de arbitrariedades e violências.

Durante a reunião do Conselho Nacional da Paz, realizada em Porto Alegre, foi lida uma carta comovente, assinada por Jean, em que relata a situação em que se encontra. É a seguinte a carta:

"Rio, 14 de julho de 1952.

Queridas amigas,

Novamente de volta para Bangu, onde me encontro neste momento que lhes escrevo, passo a contar-lhes o que se vem passando comigo.

Como sabem, fizemos greve de fome, a fim de conquistarmos os direitos que nos assistem e protestar contra as coações que temos sofrido. No terceiro dia de greve de fome, eu, devido ao meu estado de saúde, já estava acamada. Foi quando o Mostardeiro, secretário da Penitenciária, veio falar com Marinete e Isabel a fim de fazerem um acôrdo para terminar a greve e os protestos. A parte principal do acôrdo debatido com ele foi o meu tratamento, que ficara suspenso por capricho da administração, isto é, o Mostardeiro, o Dr. Erastóteles, que é o médico-chefe, e o Dr. Moisés: esses formam o trio de perseguição contra mim.

Chegando ao hospital, fui examinada pelo Dr. Alberto Ribeiro, que é o meu médico. Feita a radiografia, esta acusou que a minha úlcera está piorando muito, correndo mesmo o risco de supurar. Estou

com anemia profunda e meu exame de sangue acusou diabetes. Tive um derrame sanguíneo que, felizmente, vasou pelo intestino. Estou também com um foco em um dente, que não pode ser extraído devido ao meu estado de fraqueza. Estou cardíaca, com o sistema nervoso seriamente abalado.

O Dr. Ribeiro, vendo o meu estado, fez com que me recolhessem à enfermaria. No dia seguinte, o Dr. Moisés e o Dr. Erastóteles e o Mostardeiro transferiram-me da enfermaria para a maloca, onde estou até hoje, alegando os dois médicos citados que não tenho nada. Houve forte discussão entre eles e os outros médicos, enfermeiros e farmacêuticos, terminando com o protesto de todos os presos doentes a meu favor.

O Dr. Ribeiro declarou que não se responsabilizaria pelo que viesse a acontecer, pois todos sabem que estou sendo perseguida. O detective Chafas foi à maloca falar comigo e disse que eu ficaria na Penitenciária por exigência do meu médico. Hoje, segunda-feira, o Mostardeiro enviou-me para Bangu, onde estou sem receber o remédio para a úlcera duodenal e outros remédios que me foram receitados. Voltei da mesma maneira, sem tratamento, e me encontro muito doente e muito fraca. Apesar de doente, protestei em voz alta, no que tive inteiro apoio dos presos e de alguns funcionários. Toda a Penitenciária sabe o que está acontecendo comigo.

Apelo para o meu advogado requerer o meu tratamento enquanto é tempo. Peço a vocês que denunciem pela imprensa essas arbitrariedades. Atendam ao meu apêlo. Aqui deixo o meu abraço para tôdas as amigas."

Vidas Sêcas

Romance de GRACILIANO RAMOS

CAPÍTULO IX

FESTA

FABIANO, sinha Vitória e os meninos iam à festa de Natal na cidade. Eram três horas, fazia um grande calor, redemoinhos espalhavam por cima das árvores amarelas nuvens de poeira e fôlhas sêcas.

Tinham fechado a casa, atravessado o pátio, descido a ladeira, e pisunhavam nos seixos como bois doentes dos cascos. Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por sinha Torta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elásticos, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia. Sinha Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como as moças da rua — e dava topadas no caminho. Os meninos estrevavam calça e palitô. Em casa sempre usavam camisinhas de riscado ou andavam nus. Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira sinha Terta de arranjar farpelhas para êle e para os filhos. Sinha Terta achava pouca a fazenda, e Fabiano, se mostrara desentendido, certo de que a velha pretendia furtar-se os retalhos. Em consequência as roupas tinham saído curtas, estreitas e cheias de emendas.

Fabiano tentava não perceber essas desvantagens. Marchava direito, a barriga para fora, as costas aprumadas, olhando a serra distante. De ordinário olhava o chão, evitando as pedras, os tocos, os buracos e as cobras. A posição forçada cansou-o. E ao pisar a areia do rio, notou que assim não poderia vencer as três léguas que o separavam da cidade. Desculpou-se, meteu as meias no bolso, tirou o palitô, a gravata e o colarinho, roncou aliviado. Sinha Vitória decidiu imitá-lo: arrancou os sapatos e as meias, que amarrou no lenço. Os meninos puseram as chinelinhas de baixo do braço e sentiram-se à vontade.

A cachorra Baleia, que vinha atrás, incorporou-se ao grupo. Se ela tivesse chegado antes, provavelmente Fabiano a teria enxotado. E Baleia passaria a festa junto às cabras que sujavam o copiar. Mas com a gravata e o colarinho machucados no bolso, o palitô no ombro e as botinas enfiadas num pau, o vaqueiro achou-se perto dela e acolheu-a.

Retomou a posição natural: andou cambaio, a cabeça inclinada. Sinha Vitória, os dois meninos e Baleia acompanharam-no. A tarde foi comida facilmente, e ao cair da noite estavam na beira do riacho, à entrada da rua.

Aí Fabiano parou, sentou-se, lavou os pés duros, procurando retirar das gretas fundas o barro que lá havia. Se se enxugar, tentou calçar-se — e foi uma dificuldade: os calcanhares das meias de algodão formaram bolos nos peitos dos pés e as botinas de vaqueta resistiram como virgens. Sinha Vitória levantou a saia, sentou-se no chão e limpou-se também. Os dois meninos entraram no riacho, esfregaram os pés, saíram, calçaram as chinelinhas e ficaram espiando os movimentos dos pais. Sinha Vitória aprontava-se e erguia-se, mas Fabiano soprava arreliado. Tinha dominado a obstinação duma daquelas amaldiçoadas botinas; a outra emperrava, e êle, com os dedos nas alças, fazia esforços inúteis. Sinha Vitória dava palpites que irritavam o marido. Não havia meio de introduzir o diabo do calcanhar no tacão. A um arranco mais forte, a alça de trás rebentou-se, e o vaqueiro meteu as mãos pela borracha, enêrgicamente. Nada conseguindo, levantou-se resolvido a entrar na rua assim coxeando, uma perna mais comprida que a outra. Com raiva excessiva, a que se misturava alguma esperança, deu uma patada violenta no chão. A carne comprimiu-se, os ossos estalaram, a meia molhada rasgou-se e o pé amarrado se encaixou entre as paredes de vaqueta. Fabiano soltou um suspiro largo de satisfação e dor. Em seguida tentou prender o colarinho ao pescoço, mas os dedos trêmulos não realizaram a tarefa. Sinha Vitória auxiliou-o: o botão entrou na casa estreita e a gravata amarrou-se. As mãos sujas, suadas, deixaram no colarinho manchas escuras.

— Está certo, grunhiu Fabiano.

Atravessaram a pinguela e alcançaram a rua. Sinha Vitória caminhava aos tombos, por causa dos saltos dos sapatos, e conservava o guarda-chuva suspenso, com o castão para baixo e a biqueira para cima, enrolada no lenço. Impossível dizer porque sinha Vitória levava o guarda-chuva com a biqueira para cima e o castão para baixo. Ela própria não saberia explicar-se, mas sempre vira as outras matutas procederem assim e adotava o costume.

Fabiano marchava teso.

Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que êles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a agüentar cascudos e puxões de orelhas. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como sinha Vitória, mas os pequenos retraíam-se, encostavam-se às paredes, meio encandeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos.

Chegaram à igreja, entraram. Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião dela, tudo devia estar no escuro, porque era noite, e a gente que andava no quadro precisava deitar-se. Levantou o focinho, sentiu um cheiro que lhe deu vontade de tossir. Gritavam demais ali perto e havia luzes em abundância, mas o que a incomodava era aquele cheiro de fumaça.

Os meninos também se espantavam. No mundo, súbitamente alargado, viam Fabiano e sinha Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos. As luzes e os cantos extasiavam-nos. De luz havia na fazenda o fogo entre as pedras da cozinha e o candieiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de sinha Vitória e o aboio de Fabiano. O aboio era triste, uma cantiga monótona e sem palavras que entorpecia o gado.

(Continua no próximo número)

Assembléia de Mulheres Pela Paz

(Conclusão da pág. 3)

nesta luta que hoje enfrentamos, apesar das diferenças de cor e de classes”.

“SOU VIÚVA, TENHO 4 FILHOS MENORES E GANHO CR\$ 650,00”

Representando o município de Caxias, Petrolina de Albuquerque, operária em cortumes, assim falou às delegadas: “Como operária trabalho no pesado. Já falei em praça pública, explicando aos meus colegas de trabalho, ao povo de Caxias, os horrores da guerra, suas consequências para o povo, a necessidade de se combater a carestia. Eu sou viúva, tenho 4 filhos menores e ganho um salário de .. Cr\$ 650,00. A carne custa..... Cr\$ 12,00 o quilo, o leite custa Cr\$ 3,00 o litro, o pão está a

Cr\$ 6,00 o quilo e assim todos os gêneros. Os filhos querem comer — como negar pão aos filhos quando pedem? É de perder o sono, é doloroso para as mães. O nosso país é tão rico e, no entanto, para nós tudo é tão caro. Precisamos lutar com todo o vigor pela causa da paz. “Não devemos ser queimadas pela fogueira da guerra”.

ELISA BRANCA ENCERRA A GRANDIOSA REUNIÃO

A querida heroína da paz no Brasil, Elisa Branco, depois de dirigir a palavra às delegadas presentes, encerrou a reunião exclamando:

“Os soldados nossos filhos não irão para a Coréia!”

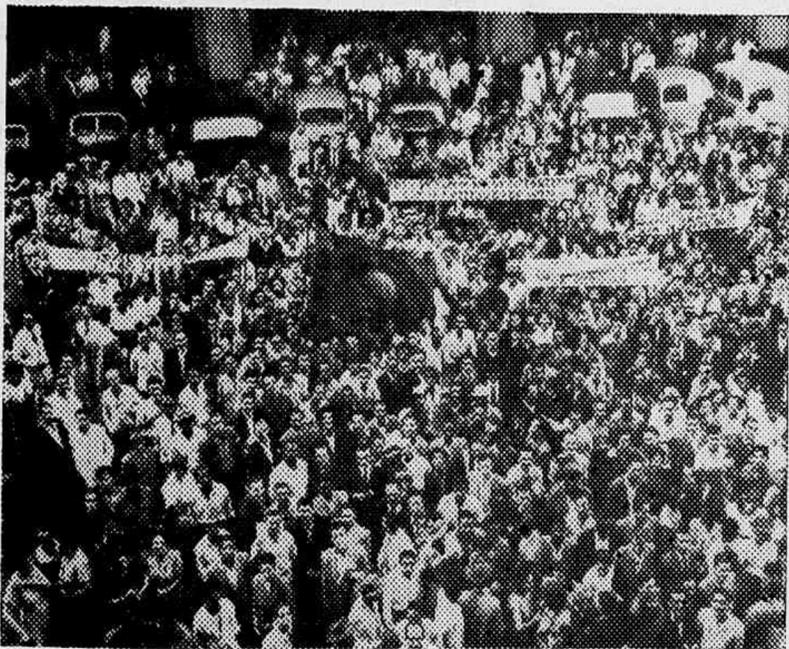
“A paz pode ser salva! A paz deve ser salva!”

MOMENTO FEMININO



CENTENAS de famílias só dispõem da importância de Cr\$ 1.440,00 para viver no Distrito Federal, para comer, morar, vestir, pagar transporte, enfim, atender a inúmeras necessidades. São as famílias dos operários do Arsenal de Marinha. Crianças famintas, doentês, despidas, dormindo pelo chão. Preocupados com a sorte dos filhos, aqueles operários vêm participando, ativamente, da luta por aumento de salário. Por isso, dezenas deles foram presos incomunicáveis, sofreram torturas e ameaças de toda a espécie. E as famílias ficaram sem recursos, passando falta até de comida, muitas grávidas, outras com os filhos doentes, além das preocupações pela sorte dos companheiros. Um grande movimento de solidariedade levou calor e amparo a essas mulheres, todas mães de 4, 6 e até 10 filhos. Elas também têm sabido lutar pela liberdade de seus maridos. Morando longe, deixam os filhos com as vizinhas ou os trazem nos braços para falar e protestar nas Câmaras Municipal e Federal. O flagrante acima é de famílias dos operários do Arsenal de Marinha, esposas e filhos, em visita a um jornal.

★

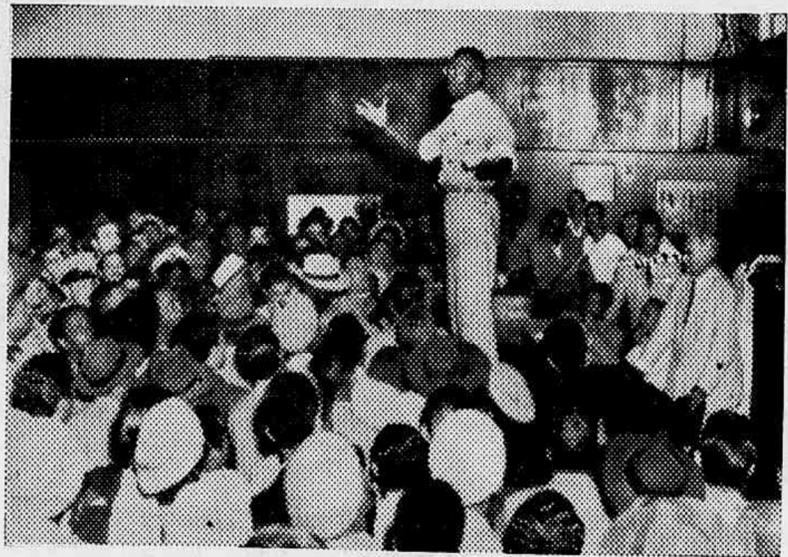


OS têxteis do Distrito Federal vinham-se empenhando numa vigorosa campanha por aumento de salários. No dia em que a Justiça do Trabalho deveria resolver a pendência com os patrões o trabalho foi paralisado em inúmeras fábricas e milhares de trabalhadores, inclusive muitas mulheres, compareceram ao julgamento. Depois da decisão saíram em passeata desde a Esplanada do Castelo até a Praça da Bandeira protestando contra a cláusula da assiduidade integral. Cartazes e faixas com os dizeres "Contra a Carestia" e "Pela Paz" foram empunhados pelos trabalhadores. A participação das mulheres, ultimamente, nos trabalhos dos Sindicatos dos têxteis tem sido importante. Ainda há poucos dias foi eleita a Rainha daquela entidade de classe e grande é o entusiasmo com que estão trabalhando as mulheres, em combinação com a Associação Feminina do Distrito Federal, para realizar a festa da Primavera. Assim, a formidável demonstração dos têxteis, da qual damos um aspecto na fotografia acima, teve também o apoio das operárias das fábricas de fiação e tecelagem do Distrito Federal.



O funcionalismo público federal, autárquico e pessoal de obras, atormentado pela carestia de vida que cada dia mais se acentua, está travando uma luta diária e organizada para conseguir o aumento de vencimentos, tantas vezes prometido e até agora não concedido pelo governo. Assembléias semanais são realizadas, às quais comparecem inúmeras delegações dos Estados. Diversas vezes têm estado no Catete, para expor a situação em que se encontram, ao Presidente da República, comissões de servidores públicos. Apesar das promessas, a situação continua a mesma; o aumento não vem. Em protesto pelas medidas protelatórias, foi realizada com grande êxito, no Distrito Federal, a Passeata da Fome, com a participação de milhares de "barnabês", muitos acompanhados de suas famílias. A fotografia acima mostra a afluência de funcionários que protestaram publicamente contra a situação de miséria em que se encontram.

★



OS portuários do Distrito Federal realizaram um grande movimento de protesto contra a assiduidade integral, exigência absurda que limita na prática o direito ao repouso semanal remunerado. Em numerosos comícios, concentrações e passeatas, reunindo milhares de trabalhadores do Pôrto, foi reforçada a luta dessa numerosa classe, por melhores condições de vida e contra a terrível exploração a que são submetidos.

Vamos



Apresentamos às nossas leitoras um lindo motivo, para ser aplicado numa toalha de chá ou numa barra de lençol. Está em tamanho natural, o que facilitará o seu aproveitamento.

Bordar?



Para você enfeitar sua blusa, leitora amiga, ou o vestido de sua filhinha, nós lhe oferecemos estes motivos. A pomba com o ramo de oliveira é um lindo motivo.

Minha Mulher

(Continuação da pág. 4)

mecei a ascensão, degrau por degrau, com as mãos soldadas às barras de ferro, para não cair, e com a idéia fixa de não fazer barulho.

Três ou quatro vèzes apenas o meu pé falhou os degraus e eu me abati sôbre os joelhos. Mas graças à energia de meus braços e à tensão de minha vontade, evitei um trambolhão completo.

Atingi enfim o segundo andar e me aventurei pelo corredor, tateando as paredes. Achei uma porta. Eu contava: «Uma»; mas uma vertigem súbita me afastou da parede, obrigando-me a fazer um singular circuito, que me lançou contra o outro muro. Quis voltar em linha reta. A travessia foi longa e penosa. Encontrei enfim a devida parede, queee pus a seguir com prudência, e achei uma outra porta. Para estar seguro de não enganar-me, contei ainda em voz alta: «Duas»; e puz-me a caminho. Acabei por topar com a terceira. Disse: «Três, é a minha» e torci a chave na fechadura. A porta abriu-se. Pensei, apesar da minha perturbação: «Já que a porta abre assim, é que é mesmo a minha porta». E avancei no escuro, após a haver fechado cautelosamente.

Tropecei em qualquer coisa macia: a minha cadeira preguiçosa... Deitei-me em seguida em cima.

Na situação em que estava, eu não devia obstinar-me em procurar a minha mesa de cabeceira, o meu castiçal, os meus fósforos. Levaria pelo menos duas horas. Ser-me-ia preciso outro tanto para despir-me; e talvez não conseguisse. Desisti.

Tirei apenas as botinas; desabotei o colête que me sufocava, desapertei as calças e adormeci.

O sono durou muito, sem dúvida. Fui bruscamente despertado por uma voz vibrante que dizia, bem junto de mim: «Como, preguiçosa, ainda estás deitada? Sabes? já são 10 horas!»

Uma voz de mulher respondeu: «Já? Eu estava tão fatigada ontem...»

Eu perguntava a mim mesmo, estupefato, o que queria dizer esse diálogo.

Onde estava eu? Que teria feito?

O meu espírito flutuava, envolto ainda numa nuvem espessa.

A primeira voz continuou: «Eu vou abrir as tuas cortinas.»

E ouvi passos que se aproximavam de mim. Então uma mão tocou minha cabeça. Fiz um brusco movimento. A voz perguntou com fôrça: «Quem está aí?» Abstive-me de responder. Dois punhos furiosos me agarraram. Por minha vez enlancei alguém. E começou uma luta terrível. Nós rolávamos pelo chão, virando móveis, batendo contra as paredes.

A voz de mulher gritava horrorizada:

«Socorro! Socorro!»

Criados acorreram, vizinhos, damas assustadas.

Abriam os postigos, correram as cortinas. Eu me engalinhava com o coronel Dumoulin!

Tinha dormido junto ao leito de sua filha.

Quando nos apartaram, fugi para o meu quarto, idiotizado de espanto. Encerrei-me à chave e sentei-me, com os pés sôbre uma cadeira, pois as minhas botinas tinham ficado no quarto da jovem.

Eu ouvia um grande rumor em todo o castelo, portas que se abriam e fechavam, cochichos, passos rápidos.

Ao cabo de meia hora bateram à minha porta. Gritei: «Quem é?». Era meu tio, o pai da noiva. Abri.

Ele estava pálido e furioso e tratou-me duramente: «Tu te conduziste em minha casa como um verdadeiro crápula, estás ouvindo?» Depois acrescentou, num tom mais suave: «Mas como é, imbecil, que te deixas surpreender às 10 da manhã? Então tu me adormeces como um pau naquele quarto, em vez de ires embora logo... logo depois».

Exclamei: «Mas meu tio, garanto-lhe que não se passou coisa nenhuma... Eu me enganei de porta, estava embriagado.»

Ele ergueu os ombros: «Vamos, deixa de dizer tolices!» Levantei a mão: «Juro-lhe pela minha honra.» Meu tio replicou: «Sim, está bem. É teu dever dizer isso.»

Por minha vez, incomodei-me, e contei tôda a minha aventura. Ele me fitava com os olhos arregalados, sem saber o que devia acreditar.

Depois saiu para conferenciar com o coronel.

Soube que tinham formado uma espécie de tribunal de mães, ao qual eram submetidas as diferentes fases da situação.

Ele voltou uma hora mais tarde, sentou-se com o ar de juiz e começou: «Seja como fôr, eu não vejo para ti outra saída senão casares com Mlle. Dumoulin».

Dei um salto de terror:

— Ah! Isto não!

Ele perguntou gravemente: «Que pensas então fazer?»

Respondi com simplicidade: «Mas... ir-me embora, quando me houverem devolvido as minhas botinas.»

Meu tio retrucou: «Nada de brincadeiras. O coronel está resolvido a meter-te uma bala na cabeça, logo que se avistar contigo. E tu podes ter certeza de que ele não ameaça em vão.»

Falei de um duelo, êle respondeu: «Não, eu quero é meter-lhe uma bala na cabeça.»

«Examinemos agora a questão sob outro ponto de vista.»

«Ou tu seduziste essa menina e, então, tanto pior para ti, meu rapaz, pois a gente não se mete com virgens.»

Ou tu te enganaste, por bebedeira. Tanto pior para ti, também, pois a gente não se mete em situações tão idiotas. De qualquer maneira, a pobre moça está com a reputação perdida, pois ninguém vai acreditar nas tuas histórias. A verdadeira vítima, a única vítima nisso tudo, é ela. Reflete, meu rapaz.»

E êle se retirou, enquanto eu lhe gritava às costas: «Digam o que quiserem. Eu não me casarei.»

Fiquei sôzinho mais uma hora.

Foi minha tia quem veio pôr sua vez. Ela chorava. Usou de todos os argumentos. Ninguém acreditava no meu engano. Não podiam admitir que a moça se houvesse esquecido de fechar a porta à chave, numa casa cheia de gente. O coronel a espancara. Ela chorava desde manhã. Era um escândalo terrível, inapagável.

E a minha boa tia acrescentava: «Pede-a sempre em casamento; talvez se ache um meio de te tirar do apêrto, ao discutir as condições do contrato.»

Essa perspectiva me aliviou. Consenti em escrever o meu pedido. Uma hora depois eu partia para Paris.

Fui avisado no dia seguinte, de que meu pedido fôra aceito.

Então, em três semanas, sem que eu pudesse encontrar uma saída, um pretexto, os proclamas foram publicados, as participações enviadas, e eu me encontrei, numa segunda-feira de manhã, ao lado de uma donzela em pranto, ante o altar de uma igreja iluminada, após ter declarado ao juiz que consentia em tomá-la por esposa... até a morte de um ou de outro.

Eu não tinha tornado a vê-la, e olhava-a de soslaio, com um certo espanto malévol. No entanto ela não era feia, absolutamente. Eu dizia comigo: «Eis aí uma que não vai rir todos os dias.»

Ela não me olhou uma única vez até a noite e não me disse uma só palavra.

Pela metade da noite, penetrei na câmara nupcial com a intenção de lhe dar a conhecer as minhas resoluções, pois eu era o senhor agora.

Fui encontrá-la deitada numa poltrona, vestida como de dia, com os olhos vermelhos e palidez na face. Ela ergueu-se logo que eu entrei e veio gravemente ao meu encontro.

(Continua na pág. 11)

★ SOCIAIS ★

ANIVERSÁRIOS:

29 de julho — Completou 12 anos a galante menina Elza Micheletti.

29 de agosto — Aniversariou o menino Sidney Micheletti.

2 de setembro — o jovem Elpidio Micheletti, filho do casal Domingas e José Micheletti, residentes em Piracicaba, Estado de São Paulo. Domingas Micheletti é representante de «MOMENTO FEMININO» naquela cidade paulista.

1 de agosto — Completaram 3 anos os gentis meninos Orlando e Miras Martins, residentes em Irajá, netinhos de nossa leitora e amiga d. Eulinda Martins.

2 de agosto — Iure completou 4 anos e no dia 9 de agosto Alex completou 3 anos, ambos filhinhos de Zilda e João Xavier, residentes em Madureira, D. F.

12 de agosto — Completou 6 meses a garotinha Anita Cristina, filha de d. Quitéria Nunes Vasconcelos e Eronicio Vasconcelos, residentes em Nova Iguaçu.

18 de agosto — Completou 6 anos a inteligente menina Zilda Adelaide C. Bruno, filha de nossa amiga Maria José C. Bru-

no e de seu esposa Alysso Roberto Bruno, residentes em Planura, Estado de Minas Gerais.

30 de agosto — Transcorreu nessa data o aniversário natalício de nossa grande amiga e dedicada partidária da Paz, d. Rosa Marques dos Santos, residente em Irajá.

Aos aniversariantes os votos de felicidades de «MOMENTO FEMININO».

NASCIMENTOS:

25 de julho — Acha-se em festa o lar do Sr. Joaquim Virgolino e Maria Albuquerque, com o nascimento do seu primogênito, um robusto pimpolho, que recebeu o nome de José.

11 de agosto — Está enriquecido o lar Jerônimo e Fernanda Messere com o nascimento de uma robusta garota que recebeu o nome de Juliana.

CASAMENTO:

5 de julho — Realizou-se o enlace matrimonial do jovem craque do Sal Tropeiro, Sr. Salim Suad Filho com a Srta. Glome, nossos amigos de Uberlândia. Parabéns de «MOMENTO FEMININO».

MOMENTO FEMININO

Greve no cotonificio da Gavea

REPORTAGEM DE LENA

OS operários têxteis do Distrito Federal unem-se organizados para exigir aumento de salários e contra a assiduidade integral.

Sobre este assunto, Noemia da Silva, operária que trabalha na fábrica Cotonificio, na Gávea, concedeu à reportagem de MOMENTO FEMININO interessante entrevista, na qual relatou com detalhes os fatos.

Ao ser procurada em sua casa no Parque Proletário da Gávea, recebeu-nos gentilmente e, interrompendo os trabalhos caseiros, respondeu às nossas perguntas.

— Então, Noemia, como foi organizado o movimento?

— Bem, já há muito tempo, os patrões vinham prometendo o aumento de salários e não cumpriam a promessa; protelavam sempre, sempre... Nós sabemos bem que eles não aumentavam porque não queriam, pois seus lucros são imensos, e isso à custa do nosso trabalho. Finalmente, marcaram o dia para o encontro com eles, a fim de resolver a questão.

— Como foi organizada a greve de vocês?

— Eles antes tinham proposto que o encontro fosse no dia 2, isto é, sábado, para não pararmos os trabalhos na sexta-feira. Mas, não aceitamos estas condições, pois assim, iríamos perder a nossa folga de sábado.

— E a que solução chegaram?

— Resolvemos não voltar ao trabalho na sexta-feira, depois do almoço e, assim, com a fábrica vazia, eles tiveram que ceder. Aliás, continuou Noemia, a vitória é, ainda, apenas parcial, porque só conseguimos o aumento na base de 60%, por isso continuaremos lutando para derrubar o regime de assiduidade integral.

— Tomaram os patrões medidas de repressão, quando paralizaram os trabalhos?

— Sim, chamaram a polícia porém, esta não pôde fazer nada, porque estávamos unidos e decididos. Diante disto, eles por vingança, não nos pagaram o domingo. É uma exploração tremenda, vocês não podem imaginar.

Eu, que trabalho de empreitada, quero dizer, por minha conta, não chego a receber nem o salário mínimo. Nós, que trabalhamos de empreitada, recebemos apenas, por mês, uma média de Cr\$ 980,00. Além disso o material com que se trabalha é ordinário. Quando acontece estragar uma parte do tecido, somos obrigadas a pagá-la, sendo descontado do ordenado. Há também o caso do racionamento da luz, em que os empreiteiros são os mais prejudicados, porque, com a paralisação momentânea da energia elétrica, somos também descontados nos salários durante esse tempo.

Nessa ocasião, sua filha Célia entrou. Sendo também operária da mesma fábrica, quiz acrescentar às palavras de sua mãe algumas declarações:

— Nada presta nesta fábrica; o desconforto é grande, e há grande falta de material, o qual é da pior qualidade. Em certa ocasião, um operário empreiteiro, desesperado, reclamou ao contra-mestre pelo material para trabalhar, e foi por este agredido. De vez em quando sai uma briga por este motivo.

— Não há de ser sempre assim, finalizou Noemia, não seremos sempre explorados. Continuaremos lutando na defesa dos nossos direitos até que os patrões compreendam que devem nos tratar decentemente.

Agradecemos a sua atenção e reafirmamos que MOMENTO FEMININO estará sempre presente para apoiar e divulgar as lutas das mulheres operárias na defesa dos seus direitos.

DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS DR. FRANCISCO DE SA' PIRES

Psicoterapia e Análise

Professor de Clínica Psiquiátrica

RUA SANTA LUZIA, 732, s. 718 - 7º ANDAR - DIARIAMENTE

MINHA MULHER

(Continuação da pág. 10)

«Senhor, disse ela, estou pronta a fazer o que me ordenar. Eu me matarei, se assim o deseja.»

Ela estava linda como nunca, naquele papel heróico, a filha do coronel. Eu a beijei, pois tinha todo o direito.

E logo me apercebi de que não fôra roubado.

Já lá vão cinco anos que estou casado, e não me arrependi até agora.

Pierre Létoile calou-se. Seus companheiros riam. Um deles disse: «O casamento é uma loteria; não se deve nunca escolher os números, os do acaso são os melhores.»

E outro acrescentou, à guisa de conclusão: «Sim, mas não te esqueças de que o deus dos beberrões havia escolhido por Pierre.»

MOMENTO FEMININO

COZINHA

VIRGINIA

1) DOBRADINHA COM FEIJÃO BRANCO

Ingredientes: 1/2 quilo de dobradinha fresca, 1/2 quilo de feijão branco, 200 grs. de linguiça, 150 grs. de lombo de porco.

Temperos para o refogado: gordura, cebola, alho, uma ou duas folhas de louro, um pouco de pimenta do reino socada.

Modo de preparar: Tome a dobradinha, lave-a muito bem com água quente e limão, depois corte em pedacinhos e leve a cozinhar em água e sal. O feijão é cozido à parte também em água e sal, juntando o lombo. Faça o refogado com todos os temperos acima mencionados, junte a dobradinha com o feijão já cozidos e mais a linguiça frita cortadinha em rodela. Deixe refogar bem, depois deite um pouco do caldo onde foi cozida a dobradinha e deixe ferver por uma meia hora.

2) COMO APROVEITAR O QUE SOBROU DA VÉSPERA



PANQUECAS

Se sobrou carne ou galinha, restos de salchicha etc. você pode aproveitar para rechear as panquecas.

Ingredientes para preparar as panquecas: 8 colheres de sopa, 2 de farinha de trigo, 1 colherinha de sal, meio litro de leite fresco, 2 ovos inteiros.

Modo de preparar, misturar tudo muito bem. Depois, espalhar um pouco de cada vez, a massa na frigideira com uma colher, fritar em pouca gordura ou manteira. Depois viarar as folhas e rechear-las. O recheio é feito com as sobras de carne ou de salchicha. Basta retemperar as sobras, se fôr carne ou galinha desfilar, se fôr salchicha cortar em rodela, pequenas e fazer um bom refogado. Depois faça um molho de tomates, cebola, salchicha e queijo ralado e jogar por cima.

3) PÃES RECHEADOS

Aproveite pães dormidos.

Três pães se forem dos pequenos e dois se forem dos grandes. Tome cada pão, corte uma das pontas, e com muito cuidado retire o miolo. Recheie-o com carne picadinha, com bastante molho. Depois de recheado, tampe-o com a ponta reservada, prendendo-a como uma palito. Ponha os pães numa travessa que possa ir ao forno, despeje por cima o molho que sobrou, polvilhe com queijo parmesão e leve para corar em forno quente.

Recheio: Faça a carne picadinha, bem temperada com tomates, sal cebola, alho, um pouco de pimenta do reino socada. Faça um bom refogado e deixe com bastante molho.

SOBREMESA

LARANJAS COM GLACÉ

As vezes sobram claras de ovos e além dos clássicos suspiros, não sabemos como aproveitá-las.

Faça uma boa glacé: se forem 3 claras, junte 4 colheres (das de sopa) de açúcar. Bata primeiro as claras muito bem batidas, depois adicione o açúcar e vá batendo até ficar em ponto de suspiro.

Tome 4 laranjas (seletá ou não), descasque-as completamente, tirando a pele branca, corte em pedacinhos e cubra com o glacé. Bote para gelar e sirva em taças.

ATIVIDADES FEMININAS

AS mulheres paulistas lançaram um manifesto contra a guerra bacteriológica que vem recebendo adesões das mais destacadas senhoras paulistas, já contando com as assinaturas de D. Maria Pais de Barros, D. Guilhermina Pais de Barros, Maria de Lourdes Lebert, Helena Silveira, Vanda Andrada e Silva, Geny Belfort de Matos, Ana Stle Schic.

A Associação de Mulheres de Pernambuco enviou ao Sr. Secretário Geral da Onu um protesto contra a guerra bacteriológica, e em vários bairros da capital estão se fazendo abaixo-assinados contra o emprêgo de tão criminoso arma.

No Estado de Minas, por iniciativa de um grupo de coletoras de assinaturas Ao Apêlo por Um Pacto de Paz, foi tirado um volante: «Mãe, teu filho está em perigo», explicativo sobre o que é a arma bacteriológica.

PROTESTAM AS MULHERES CONTRA A CARESTIA DE VIDA

A Federação de Mulheres do Estado de São Paulo realizou no dia 18 pp. uma assembléia contra a carestia de vida que contou com a participação de vários sindicatos, de deputados estaduais, vereadores etc. A assembléia, apesar da opressão policial, foi coroada de pleno êxito, resultando dela a formação da Liga Feminina contra a Carestia.

As mulheres baianas estão angariando assinaturas para um memorial monstro contra a carestia que será levado à Assembléia Legislativa Estadual. Serão realizadas mesas redondas de debates.

EM DEFESA DA INFÂNCIA

A União Feminina de Roça do Lobo, na Bahia, tem em funcionamento uma escola com 30 alunos. As mulheres desta união conseguiram um terreno para a escola por intermédio da Caixa Econômica.

O Departamento Infantil da Associação Feminina da Bahia vem ensaiando pequenas peças de teatro.

O concurso de desenho infantil-juvenil lançado por ocasião da Jornada Internacional em de-

fesa da Infância, despertou tal interesse em São Paulo, que a FMESP prorrogou até o fim do mês corrente o encerramento do referido concurso.

No dia 1º de junho — Jornada Internacional da Criança — foi fundado em Minas o «Clube Infantil da Fraternidade», numa festa que contou com a participação de um artista da Rádio Tamoió, números de canto e recitativo da criança, distribuição de balas, etc.

COLETA DE ASSINATURAS

A Federação de Mulheres do Ceará realizou no dia 7 de julho passado uma conferência de encerramento da Jornada da Paz do mês de junho com a entrega de prêmios às Uniões Femininas, recordistas da coleta. Durante o período foram coletadas 6.352 assinaturas.

REFORÇAM-SE AS ORGANIZAÇÕES FEMININAS

No Ceará foram reorganizadas as seguintes uniões: União Feminina de Vila Monteiro e de Mucuripe.

As uniões femininas cearenses movimentam-se em torno da exigência ao cumprimento das promessas feitas durante a campanha eleitoral.

A União Feminina de Sergipe vem realizando mesas redondas de debates sobre os vários problemas que afetam à mulher a fim de organizar as uniões de bairro.

A Associação Feminina Fluminense inaugurou no dia 19 p. sua nova sede. Após a sessão de inauguração houve baile que decorreu num ambiente de entusiasmo e fraternidade.

A Associação Feminina do Distrito Federal homenageou no dia 10 último, a rainha dos têxteis, numa festa em sua sede social.

A F.M.B., em nota dirigida aos jornais da capital, protestou contra os recentes bombardeios de 78 cidades norte-coreanas.

SOLIDARIEDADE A MARINETE E JEAN

«Vocês serão abraçadas pelas mães»

Um grupo de mulheres paulistas dirigiu carinhosa mensagem a Marinete e Jean, da qual destacamos o seguinte trecho:

«Queridas amigas, essa legião imensa que forma o grande exército da Paz, abrirá dentro em breve as portas desse cárcere, quebrará tôdas as algemas e vocês serão abraçadas pelas mães, que as receberão com flores e assim, caminharemos juntas cantando em triunfo, celebrando mais uma vitória da Paz!»

Protesto contra a sentença monstruosa

Contra a sentença monstruosa de 4 anos e 6 meses de prisão, depois reformada para 2 anos pelo Supremo Tribunal Federal, e contra as restrições às visitas àquelas partidárias da Paz, foi endereçado um protesto por centenas de mulheres cariocas à Câmara Federal, por intermédio do deputado Campos Vergal.

Eleita a nova Diretoria

A Associação Feminina de Bauru (Est. S. Paulo) realizou a 3 de junho p. p. uma assembléia para a eleição de sua nova diretoria, que ficou assim constituída:

Presidente de Honra — D. Benedita dos Santos — Grande partidária da Paz, pois apesar dos seus 79 anos é uma ativa coletora de assinaturas por um Pacto de Paz.

Presidente — D. Esmerinda Domiciano Santos;

Secretária — D. Hercira Garcia Machado;

Tesoureira — D. Irací Pereira da Silva.

Depois da Assembléia, houve um animado baile onde se recrutaram 9 novas sócias.

A nova diretoria está disposta a trabalhar abnegadamente em defesa da infância, dos direitos da mulher, pela paz e contra a carestia.

Nossas amigas de Bauru (Est. de S. Paulo), já coletaram 14.473 assinaturas por Um Pacto de Paz e agora estão cumprindo uma quota de honra de 3.000 assinaturas, das quais já têm 1.600. Seus comandos são alegres e originais. Saem diariamente acompanhadas por um sanfoneiro e enquanto êste toca, elas vão coletando assinaturas das pessoas que saem à rua para ouvi-lo.

PASSEATA E CONCENTRAÇÃO CONTRA A CARESTIA

A Associação das Donas de Casa de Campos vem se empenhando na organização das mulheres daquela localidade flu-

minense, principalmente à base da luta contra a carestia de vida, problema a respeito do qual tantas promessas foram e são feitas por ocasião de eleições e que se vai agravando cada vez mais. Assim, realizou uma grande passeata e concentração com cerca de 3.000 pessoas, em sua maioria mulheres, exigindo do Prefeito medidas imediatas para baixa do preço de gêneros de primeira necessidade, por ocasião da qual falou, além da Sra. Rosa Modesto, uma representante da Associação Feminina Fluminense, operários e estudantes que se pronunciaram pela baixa de 50% no custo dos gêneros.

Aquela organização tem participado, também, ativamente, da luta em defesa do petróleo, fazendo representar-se nos Congressos Estadual e Nacional.

Inúmeras outras realizações têm sido motivo de seus trabalhos: solidariedade a pessoas doentes e providências para o registro civil de centenas de pessoas.

Pelo seu programa de defesa dos direitos da criança e da mulher cresce o prestígio da Associação Feminina das Donas de Casa de Campos, que está se preparando para realizar no auditório da Rádio Cultura uma grande mesa redonda contra a carestia.

NOVA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE PERNAMBUCO

No dia 24 de julho próximo findo, foi eleita a seguinte diretoria para a Associação das Mulheres de Pernambuco: presidente — Nise Duarte; 1º vice-presidente — Maria Helena Amorim; 2º vice-presidente — Judite Cardoso; 1º Secretária — Nerina Mendes; 2º Secretária — Osanira Braz de Oliveira; 1º Tesoureira — Ofélia Cavalcante; 2º tesoureira — Maria Amélia di Pace. Foram eleitas, também, presidentes dos diversos Departamentos, as Sras. Lais Antunes, Margarida da Hora, Neusa Barros, Lenira de Souza e Maria do Carmo Silva, além do Conselho Consultivo que é composto das associadas Adalgisa Cavalcanti, Aurea Góes, Terezinha de Jesus Tenorio, Altina Vasconcelos do Amorim e Juracy de Góes.

EXPEDIENTE

DIRETORA
ARCELINA MOCHEL
Redação e Administração:
Rua Evaristo da
Veiga, 16 - Sala 808
— Rio —

Corajosa atitude das Mulheres Mineiras

UNIDAS, com os filhos nos braços, as bravas mulheres mineiras, na cidade de Divinópolis, vão à praça pública onde realizam uma corajosa manifestação de apoio às justas reivindicações de seus maridos, os ferroviários da Rêde Mineira de Viação, que vêm pleiteando, há bastante tempo, sem uma solução satisfatória, a regularização de seus pagamentos, melhores salários e o abastecimento regular da cooperativa da Rêde.

A atuação das mulheres de Divinópolis revestiu-se de lances heróicos, pois, enfrentando a indébita e brutal intervenção da polícia, não hesitaram em fazer parar doze trens estendendo-se ao longo da via férrea, enquanto outras subiam às máquinas apagando-lhes as caldeiras, impedindo assim a marcha dos trens. Outras, ainda, penetravam nas oficinas da Estrada e pediam, no que eram atendidas, que fossem paralizadas tôdas as atividades. Em comícios sugestivos e em passeatas prolongadas durante as quais empunhavam a bandeira nacional, as mulheres de Divinópolis conseguiram empolgar a opinião pública, fazendo recuar a polícia e atraindo sobre si a simpatia e o apoio de tôda a população local.

Dignas continuadoras dos exemplos admiráveis de abnegação e de coragem das heroínas brasileiras, as mulheres de Divinópolis deram mais uma prova de confiança nas próprias forças, mostrando a maneira pela qual através da união e da organização, é possível remover situações angustiosas como a que estão atravessando, atualmente, e que é a mesma que, de norte a sul do Brasil, atravessam milhares de irmãs.

Com os filhos nos braços, as bravas mulheres mineiras defendem o que há de mais belo e de mais humano: a vida de seus filhos, isto é, a sua própria razão de sobrevivência.

Esse belo e magnífico exemplo é bem uma característica da mulher brasileira, como ficou provado em um idêntico acontecimento na Rêde Mineira de Viação, e outro ocorrido recentemente no Rio Grande do Sul.

São acontecimentos que devemos ter na memória, não apenas para comentá-los e sim para amoldá-los às situações semelhantes, que, dia a dia, se apresentam diante de nós.

Que a bravura das heróicas mulheres de Divinópolis seja para nós um exemplo a seguir, a fim de atingirmos os nossos mais queridos objetivos na vida: a felicidade de nossos filhos, num ambiente de conforto e de paz.

Arranje dez assinaturas de "Momento Feminino" e ganhe um lindo prêmio!

1 ano — Cr\$ 20,00
6 meses — Cr\$ 12,00

Envie-nos, para nossa redação, uma lista com dez nomes e endereços, e nós lhe remetemos, na volta do correio, o seu prêmio!

Destaque o talão abaixo, devidamente preenchido:

★

ASSINATURA DE "MOMENTO FEMININO"

Nome

Endereço

Cidade Estado

Assinatura anual semestral

(risque o certo)

e envie para: R. Evaristo da Veiga, 16, s. 808 - Rio

Nísia Floresta

FERNANDA BRITO

PIONEIRA do feminismo no Brasil, abolicionista, poetisa, escritora e romancista, no primeiro quartel do século passado, Nísia Floresta Brasileira Augusta, por sua invejável cultura e combatividade, rompendo audaciosamente e desassombadamente com os seculares preconceitos da província, surpreendeu e escandalizou os seus contemporâneos.

Todavia, nem sempre a incompreensão de uma determinada época é ratificada pela posteridade. Razão por que, em virtude dos mesmos «defeitos» que lhe foram atribuídos na sua existência de lutadora incansável pela reabilitação social da mulher brasileira, tornou-se credora de nosso respeito e da nossa admiração.

Nascida a 12 de outubro de 1809, no Sítio Floresta, em Papari, Capitania do Rio Grande do Norte, passou a sua primeira infância como passam quase todos os nordestinos que vivem no sertão, ao lado de seus pais: o advogado português Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa e Antônia Clane Freire. Seu pai deve ter sido o seu primeiro mestre, pois que em Papari, sua terra natal, não existiam escolas públicas ou particulares, o mesmo acontecendo em Goiânia, município de Pernambuco, onde mais tarde fora residir a família de Nísia Floresta.

Não obstante a precariedade do meio ambiente em que foi educada, no Recife, que até 1821 não possuía uma livraria sequer, Nísia já se familiarizara com os clássicos portugueses, falando corretamente o francês e traduzindo para a língua de Victor Hugo uma obra inglesa. Autodidata, aos 28 anos, anunciava-se no Rio de Janeiro que era professora de latim, francês e italiano, além de lecionar quase tôdas as disciplinas.

Em contradição ao espírito democrático e adiantado do seu pai, que não trazia a mulher aferrada aos bárbaros preconceitos que sempre a tornaram escrava do homem, Nísia casou-se contra a sua vontade, ainda no R. G. do Norte, com Manuel Alexandre Seabra de Melo. Mas não foi este o grande amor de sua vida. Abandonou-o em 1824, quando seguiu os seus pais que mudavam residência para Recife, onde ficou até 1832.

Em Recife conheceu o estudante Manuel Augusto de Faria Rocha — o grande amor de sua vida. Incontestavelmente, Augusto representou todos os sonhos da escritora Nísia Floresta, pois que, em muitas das passagens de sua obra literária, ela celebra embevecida na inspiração de sua musa, a beleza e o encanto daquele sonho que a empolgou por tôda a existência.

Atendendo ao destino errante de quase todos os nordestinos, que ansiosos e insatisfeitos, emigram para os centros civilizados, Nísia Floresta também não fugiu às tradições de todos os idealistas do Nordeste. Após a morte de seu esposo e acompanhada por seus filhos, embarcou para a Europa, ficando lá até 1852, quando regressou à Pátria.

Nísia Floresta, porém, não foi somente a escritora genial e célebre, admirada por Augusto Comte, Herculano, Lamartine e Pruvorny. Seu espírito brilhante destacou-se em quase todos os setores das atividades intelectuais e patrióticas: como abolicionista consciente do grande crime da escravidão, como enfermeira voluntária, expondo a sua própria vida para combater o cólera-morbus, ou como a pioneira do feminismo, lutando intransigentemente pelo seu ideal, a famosa autora de «Opúsculo Humanitário», exemplo de força e perseverança, foi uma mulher admirável. Amando o Brasil sobre tôdas as coisas, seu espírito de luz previu o grande perigo dos estrangeiros em nossa Pátria. Foi o seu destacada papel como educadora, mantendo por 17 anos o Colégio Augusto num aceso combate com os colégios estrangeiros, que àquela época dominavam na Província do Rio de Janeiro, prejudicando assustadoramente o espírito nacionalista da juventude brasileira. Em «Opúsculo Humanitário», Nísia Floresta abriu campanha contra os estrangeiros, mostrando ao governo o grande perigo que eles representavam para a nossa Pátria.

Aos 23 anos publicou o seu primeiro livro: «Direitos das mulheres e injustiças dos homens» (tradução do opúsculo de Mrs. Gowin). De sua inteligência fecunda registra-se ainda: «Conselhos à minha filha» — «Daciz — ou a jovem completa»; «Fany — ou o modelo das donzelas»; «A lágrima de um Caeté» (poesias sobre a revolução praieira, glorificando Nunes Machado); «Dedicação de uma amiga»; «Opúsculo Humanitário»; «Itinerarie d'un voyage en Allemagne»; «O Brasil», «O abismo sobre as flores da civilização» e muitos outros.

Nísia Floresta faleceu em Rouen a 24 de abril de 1885. Seus restos mortais ainda estão na França e repousam no Cemitério de «Bon-Séjour», em Rouen, inteiramente abandonados pelos patrícios.

Vida de Momento Feminino

Correio Feminino

ANIVERSÁRIO DE "MOMENTO FEMININO"

FELICITAÇÕES — MOMENTO FEMININO agradece as palavras de carinho e estímulo, enviadas de Americana e Maringá, pelas nossas leitoras Maria Sironatto e Dirce Righetti.

PRESENTES DE ANIVERSÁRIO — De Uberlândia: "Como presente do 5.º aniversário do MOMENTO FEMININO, aumentamos a nossa quota de 120 para 200 exemplares, estendendo a distribuição da revista para as cidades vizinhas de Itiutaba e Capinópolis. O dia 25 de Julho será entusiasticamente comemorado pelas mulheres de Uberlândia". De Jataí: "Enviamos Cr\$ 100,00 como presente de aniversário. Juntamos à lembrança, nossos mais ardentes votos pelo êxito da revista. Que o MOMENTO FEMININO se torne, cada dia mais, o corajoso defensor dos direitos da mulher!"

NO CAMINHO DA VITÓRIA — Transcrevemos da carta de Maria; nossa dedicada companheira de Franca, Est. de São Paulo, o trecho que bem poderá servir de inspiração ao trabalho das redatoras, no sexto ano de nossa revista: "Admiro imensamente vocês, funcionárias do MOMENTO FEMININO, pelo trabalho incansável para levar até o povo um quadro do ambiente de perigo que estamos atravessando. São 1.800 dias de luta, bastante significativo. Que as amigas não desvançam, tenham coragem de chegar até a vitória final; nesta hora em que a paz está ameaçada, cada parcela de ajuda é ainda uma gotinha de água no mar. Avante, pela vitória da paz e da felicidade!"

VAMOS retomar o fio de nossa conversa. A correspondência recebida nas últimas semanas se encarrega de oferecer como assunto inicial um dos temas mais agradáveis ao coração feminino: uma história de crianças.

Três garotas de iniciativa — De Santa Maria, R. G. do Sul, nossa leitora Natália Canals relata uma experiência comovente: «MOMENTO FEMININO» ad-

quiriu três grandes amigas que muito fizeram pela distribuição da revista. São três garotas de uma dedicação extraordinária: Iêda Vargas, Ana Maria Canals e Sônia Martins. Recitando as poesias publicadas num dos últimos números, as três meninas conseguiram entusiasmar muitas pessoas e vender os exemplares de nossa revista. «MOMENTO FEMININO» agradece o trabalho, inteiramente novo, iniciado por suas pequenas ami-

gas. Que seu exemplo seja imitado em outras cidades.

Colaboração — Informamos à leitora Ana Sertaneja, de Bonfim, Est. da Bahia, que suas contribuições ao estudo da Gramática e da Higiene foram encaminhadas às seções competentes de nossa revista.

Ternura e combate — Levamos ao conhecimento da Comissão Feminina de Escada que remetemos a seu destino o documento de protesto contra o Pacto Militar e o envio de tropas brasileiras para a Coréia. A luta das mulheres de Escada, em defesa de seus entes queridos, deve prosseguir cada vez com maior audácia.

Quinzena de Divulgação — De Clara Gorender, Salvador,

recebemos a seguinte carta que merece ser transcrita pelo arrôjo de sua iniciativa: «Tenho a comunicar que faremos aqui, em Salvador, uma quinzena de divulgação de «MOMENTO FEMININO», com o seguinte programa: 1) Comandos em bairros, fábricas, filas e lojas onde haja concentração de comerciárias; 2) Propaganda em todos os jornais; 3) Colagem de cartazes «Leia o «MOMENTO FEMININO»; 4) Uma faixa com a mesma frase dos cartazes; 5) Lançar as bases do concurso Rainha do «MOMENTO FEMININO»; 6) Comandos de assinaturas da revista; 7) Pequeno artigo que será enviado aos jornais, explicando a importância do «MOMENTO FEMININO»; 8) Festa da amizade, como encerramento.»



Inúmeras amigas do D. F. compareceram à nossa redação, no dia 25 de julho, a fim de levar-nos suas felicitações pela passagem de nosso 5º aniversário. Aparecem no cliché algumas dessas amigas, diante da mesa de doces que lhes foram oferecidas.

350 Exemplares em Duas Horas

A DIREÇÃO de «MOMENTO FEMININO», em homenagem ao seu quinto aniversário, organizou, juntamente com suas representantes e amigas, dois comandos no Distrito Federal, sendo realizado um na feira de domingo do Engenho de Dentro (E.F.C.B.) e o outro na feira de domingo na Circular da Penha (E.F.L.).

No primeiro comando, em uma hora somente, foram vendidos 150 «Momentos Femininos», e no segundo, em pouco mais de tempo, 200 jornais.

Pudemos constatar de perto que a nossa revista é bem aceita pelas mulheres do Distrito Federal e também pudemos sentir quais os assuntos de maior interesse para elas. Por exemplo, quase todas se interessavam pelas modas, bordados, receitas de tricô, crochet e cozi-

nha, romance, questões sentimentais, fotografias de crianças etc.

Os resultados colhidos nestes dois comandos foram muito satisfatórios, de maneira que estamos resolvidas a organizar novos comandos com o nosso próximo número 95, a sair.

Sugerimos às amigas de todos os Estados que sigam esse exemplo e tomem também a iniciativa de organizar comandos.

Nossa Capa

O simpático e prestigiado artista FRANCISCO CARLOS, considerado o melhor cantor de 1951.

NOVOS REPRESENTANTES:

BARBACENA — M. Gerais — Maria Medeiros	5	exs.
GOV. VALADARES — M. Gerais — Machado Irmãos & Cia.	5	"
PELOTAS — R. G. do Sul — Iris Tavares	10	"
PETRÓPOLIS — Est. do Rio — Dr. Nelson Oliveira	10	"

AUMENTARAS SUAS COTAS:

ALAGOAS — Maceió — Marina L. Freitas	mais	60	exs.
C. GRANDE — Paraíba — Paulo de A. Neto	"	20	"
V. REDONDA — Est. do Rio — Julia Azevedo	"	10	"
CAMPINAS — S. Paulo — Hermínia C. Trofílio	"	20	"
MARILIA — S. Paulo — Lazara Paiva	"	10	"
S. CARLOS — S. Paulo — Rosa Cunha	"	15	"

TOTAL DO AUMENTO " 165 "

DIMINUÍRAM SUAS COTAS:

S. PAULO — Ribeirão Preto — José Marietto menos 10 exs.

SUSPENDERAM SUAS COTAS:

E. SANTO — Cach. Itapemirim — Lanir P. Leal " 25 "

TOTAL DA DIMINUIÇÃO " 35 "

ATENÇÃO: Foi suspensa por falta de pagamento a remessa que fazíamos para Maria Líbia Gomes Tavares em Ilhéus, Estado da Bahia, porque esta nossa representante há mais de um ano que não nos manda nenhuma importância relativa à venda do jornal e não nos escreve nenhuma carta sobre este assunto. Ignoramos se os jornais estão ou não chegando às suas mãos.



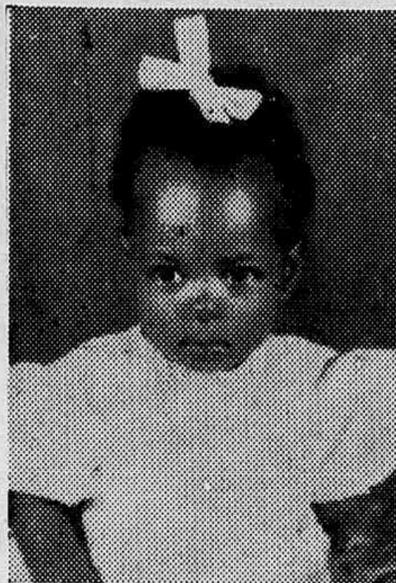
Filhinha de Isabel Aguiar dos Santos e Manoel Ferreira dos Santos, de Barreto - Estado do Rio.



Luiz Carlos



Altina Natália e Maria do Carmo, de Fonseca, Niterói.



Alzebrina das Graças Alves

Nossos

Garotos



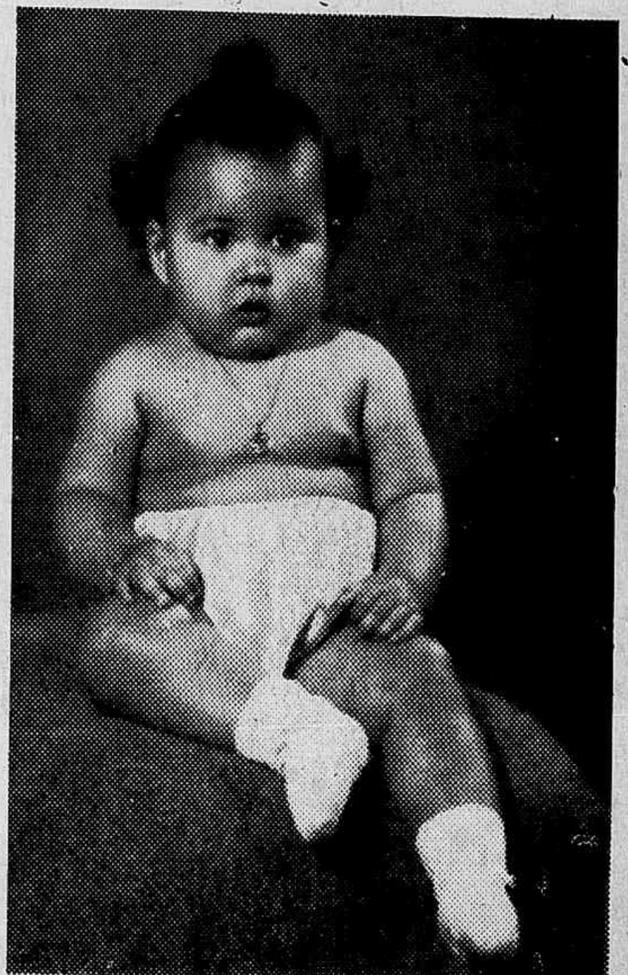
Luís Carlos, sobrinho de nossa colaboradora Terezinha Lopes.



Lenine Bueno, de Anápolis, Goiás



Roxane, de 10 anos de idade



Cacilda Drosghi, filhinha de amigos de Batatais, São Paulo.



Encantador modelo em shantung. Ampla sãia godê, com dois bolsos, leve drapeado no busto.



Um bonito modelo em linho claro, com dois grandes bolsos na sãia rodada. Um viés da mesma fazenda dá realce ao decote e ao feitiço dos bolsos.



Vestido simples, em sêda pesada ou linho, tendo vivos em cõr contrastante, no decote, bolsos e punhos.



Vestido de sêda, com linda blusa em preguinhas. Original decote e bolsos, presos com pequenos botões, da mesma fazenda.